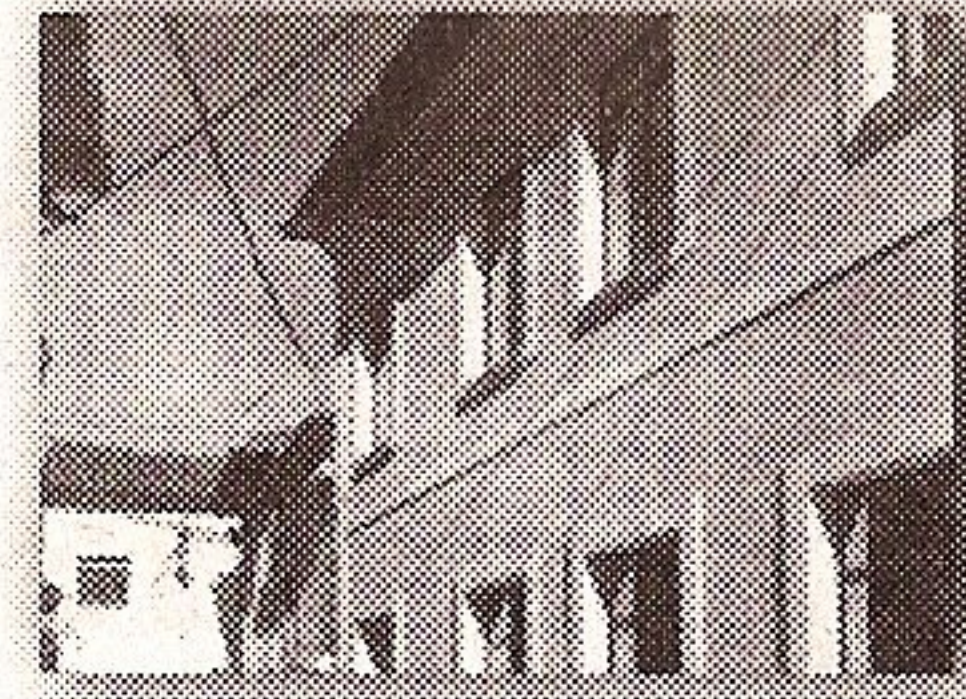


Destaque



► A mãe de Rodrigues Lapa chamava-se Maria da Conceição Lapa e o pai António Martins Canas. Fez a instrução primária na escola de Arcos, Anadia, onde ingressou em Outubro de 1903. Em Lisboa, estudou no Liceu Pedro Nunes.

Rodrigues Lapa, a língua e a Galiza

Paixão pelo galego como fala lusófona

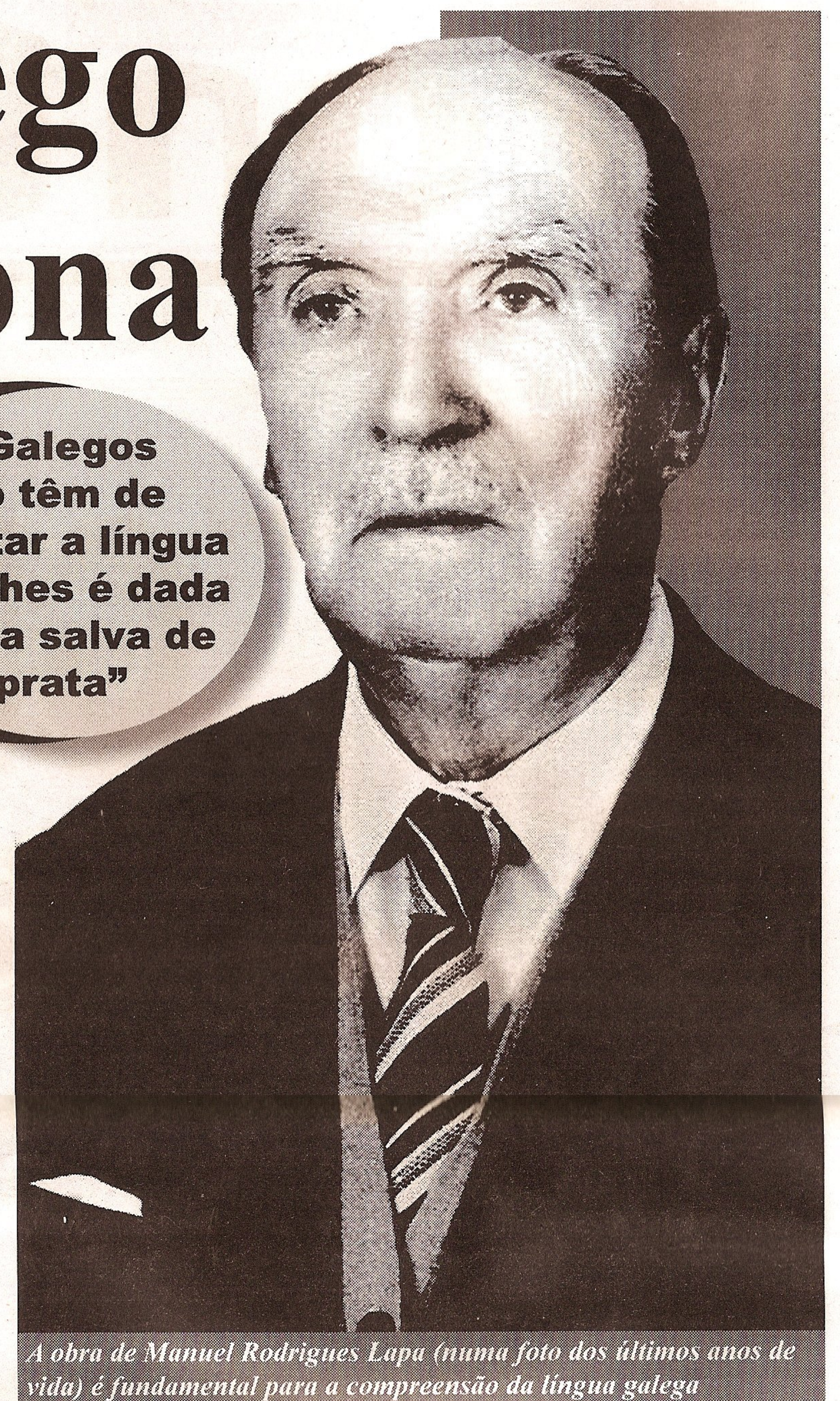
Filólogo português é referência científica na...Galliza

Foi um dos investigadores portugueses que mais contribuiu para a causa da reintegração da Língua Galega no sistema linguístico luso – brasileiro – africano. Na Galiza, a obra de Rodrigues Lapa constitui hoje uma referência científica fundamental para os intelectuais galegos defensores da aproximação da Língua Galega à lusofonia. O grande mestre da Língua Portuguesa considerava que era na Galiza que estavam as nossas raízes. Empenhou-se, por isso, em demonstrar o que para si era uma evidência: “como a nossa língua é radicalmente a mesma, há um problema de recuperação literária do galego, a ser resolvido naturalmente com a ajuda do português, que é a verdadeira Língua de cultura”. As investigações literárias e linguísticas de Rodrigues

Lapa sobre a Galiza ocuparam grande parte do seu trabalho. Sobre essa paixão escreveu: “Cinjo na minha actividade de escritor as três dimensões da nossa cultura, que são cronologicamente a galega, a portuguesa e a brasileira (...). Convenci-me inteiramente de que, para nos conhecermos bem, teremos de conhecer a Galiza, onde está a nossa mais profunda raiz (...). Nunca deixei de me ocupar da Galiza, que é para mim um vício e uma necessidade; e também um dever moral”. Há quem considere o galego como uma “outra língua”, mas a opinião mais consequente é a de que se trata de uma variante do português, com a sua ortografia própria onde é necessário. O galego começou a isolar-se já no séc. XIV, mas, para Lindley Cintra, o galego e o português são normas

cientificamente reconhecidas dum mesmo sistema. Contudo, Rodrigues Lapa considerava que “língua, hoje, propriamente falando, há só uma, o português. Esperamos que o galego, de dialecto que é actualmente, seja promovido a língua literária, aproximando-se do português, e acabando por se confundir com ele.” Para Rodrigues Lapa, “só é preciso que o povo galego aceite uma língua que lhe é brindada numa salva de prata” e sair assim da rusticidade e isolamento por não ter havido, em 500 anos, escola na língua portuguesa da Galiza, senão em Castelhano. Na Galiza espera-se que o poder político em Portugal acorde para as conclusões do grande filólogo sobre uma questão já há muito resolvida no plano científico.

“Galegos só têm de aceitar a língua que lhes é dada numa salva de prata”



A obra de Manuel Rodrigues Lapa (numa foto dos últimos anos de vida) é fundamental para a compreensão da língua galega

• Afastado do ensino por Salazar

1897 / 1989

Feroz opositor ao Estado Novo



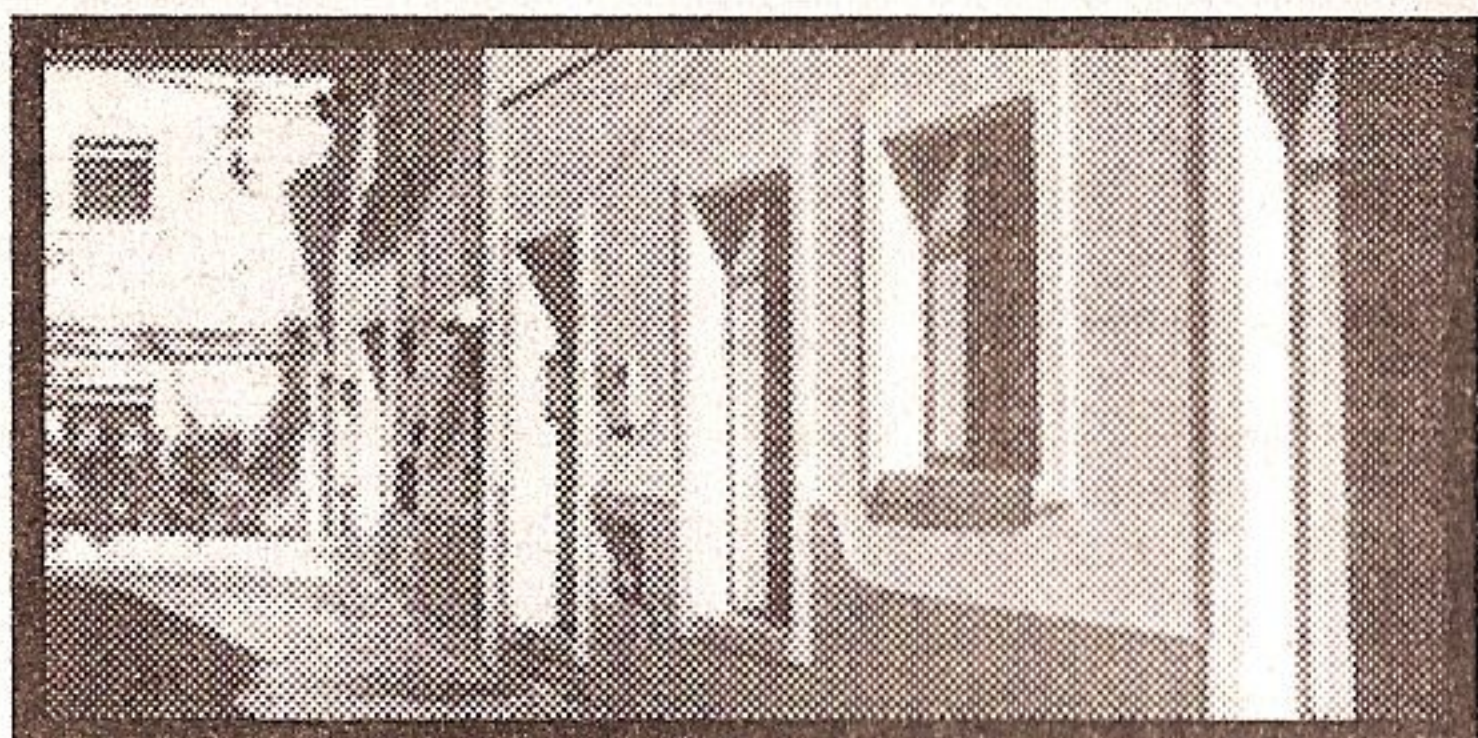
Manuel Rodrigues Lapa nasceu em Anadia em 1897 e faleceu, na terra natal, em 1989. Filólogo e professor catedrático da Universidade de Lisboa, doutorou-se com a tese “Das Origens da Poesia Lírica em Portugal na Idade Média” (1930). Foi afastado da Faculdade de Letras em 1935, por motivos políticos e tomadas de posição contra “as tristezas e vergonhas” da época salazarista e contra os “profetas e

salvadores que ela nos tentava impingir”. Uma vez afastado da universidade, dedicou-se ao jornalismo e às investigações literárias. Feroz opositor ao regime, foi preso a 6 de Janeiro de 1949, “para averiguações”, durante a campanha eleitoral para a Presidência da República, sendo libertado, sob caução de 20 mil escudos. Numa célebre entrevista ao Diário de Lisboa, comentando a “Primavera Marcelista”, afirmava: “É chegada a oportunidade de acabar sem sobressalto com este estado de coisas, que nos envergonha como europeus - continuamos a ser os cafres da Europa, como nos alcunhavam no século XVII”. Falava em “crimes em matéria de educação” e, referindo-se à censura, disse: “Sou escritor e

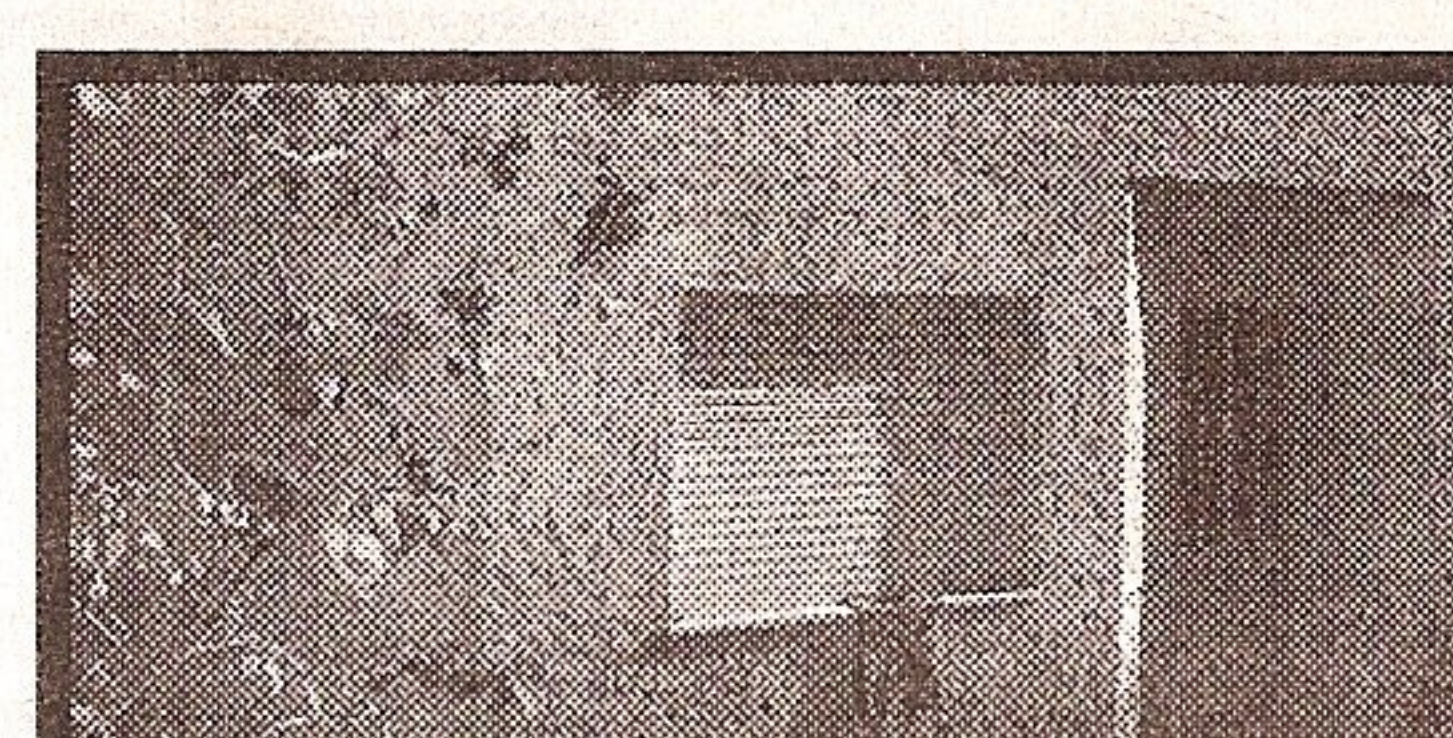
orgulho-me de ter sido algum tempo jornalista (...) Desde esse momento compreendi a trágica situação de muitos jornalistas (...) Por isso é aproveitar esta liberdade que nos concedem de muito má vontade, encher os pulmões de ar fresco e dizê-las das boas e bonitas”. No dia seguinte, Marcelo Caetano responderia no mesmo jornal, contestando as afirmações do filólogo e defendendo a Escola e a Mocidade Portuguesa. Lapa entrou na luta política apoiando Norton de Matos, “porque o dever dos intelectuais é, e sempre foi, nos grandes momentos de crise nacional, dar o corpo ao manifesto, servir as aspirações do Povo, comungar com ele no seu anseio de Liberdade e Justiça”.

Uma obra extensa

Na extensa obra do professor Rodrigues Lapa destacam-se as Lições de Literatura Medieval (1933) e Estilística da Língua Portuguesa (1945), a edição crítica das Cantigas d'Escárnio e Mal Dizer dos cancioneiros medievais galego - portugueses (1965) e os estudos sobre Camões, Diogo do Couto, Tomás António Gonzaga, além dos “Estudos Galego - Portugueses - Por uma Galiza Renovada”. Dirigiu as coleções Textos Literários, da Seara Nova, e os Clássicos Sá da Costa. Em 1983, deu à estampa “As minhas razões - Memórias de um Idealista que Quis Endireitar o Mundo”. No Brasil, onde se exilou em 1957, as suas pesquisas abarcaram o séc. XVIII e, muito em especial, os escritores que participaram na Conjuração Mineira, liderada pelo Tiradentes: Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto, Tomás António Gonzaga. Sobre estas figuras recolheu, comentou e publicou uma grande soma de documentação desconhecida.



► Anadia é hoje uma cidade muito badalada na Galiza entre os galegos lusófonos, “por mor” de Manuel Rodrigues Lapa. A figura do filólogo português já faz parte, aliás, da “galeria” dos grandes nomes das letras galegas:

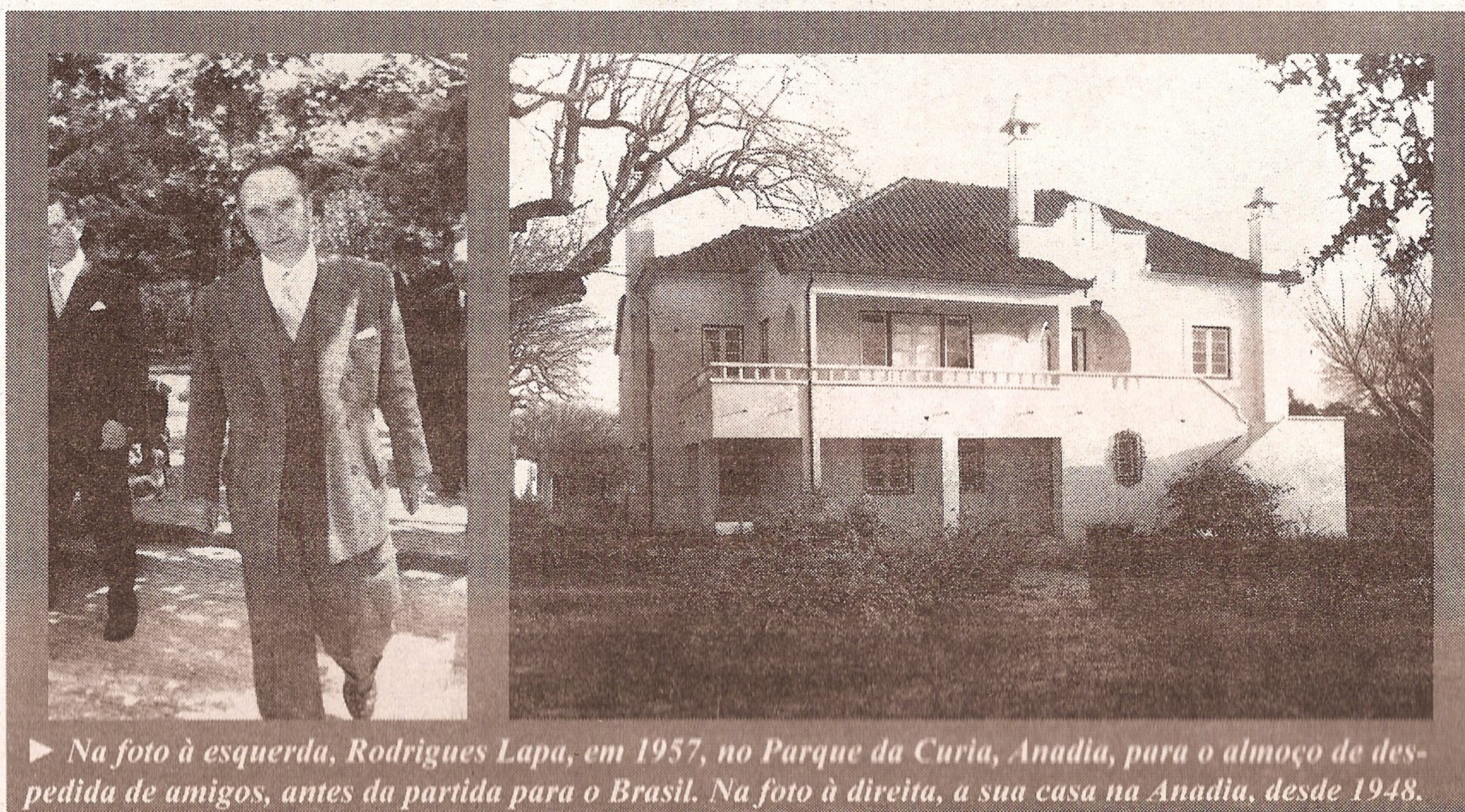


Rodrigues Lapa, a lingua e a Galiza

Nasceu no limite sul do... Reino da Galiza

Anadia, terra natal de Lapa, projecta-se na Galiza pela obra do grande mestre

Anadia é hoje uma cidade muito badalada na Galiza entre os galegos lusófonos, “por mor” de Manuel Rodrigues Lapa. A figura do filólogo português já faz parte, aliás, da “galeria” dos grandes nomes das letras galegas: além do nome do mestre, passou a ser habitual entre os intelectuais galegos a referência ao... “professor de Anadia”. Manuel Rodrigues Lapa nasceu a 22 de Abril de 1897, pelas três horas da tarde, numa modesta casa da Travessa da Fonte Regal, freguesia de Arcos, Anadia. Ou seja, como gostam de dizer os galegos lusófonos, Lapa veio ao mundo no... limite sul do antigo Reino da Galiza, que incluía o Minho e as terras de Além – Douro. Perto da Anadia está, aliás, o Mosteiro de Lorvão, fundado no ano de 924 in finibus Gallaeciae, isto é, um dos extremos da antiga Galécia, que o reino da Galiza herdara como território histórico. Manuel Rodrigues Lapa foi para Lisboa aos dez anos, sob a égide da Casa Pia, tendo frequentado o Colégio de Santa Isabel. A mãe chamava-se Maria da Conceição Lapa e o pai António Martins Canas. Fez a instrução primária na escola de Arcos, Anadia, onde ingressou



► Na foto à esquerda, Rodrigues Lapa, em 1957, no Parque da Curia, Anadia, para o almoço de despedida de amigos, antes da partida para o Brasil. Na foto à direita, a sua casa na Anadia, desde 1948.

O filólogo português já faz parte da “galeria” dos grandes nomes das letras galegas como autor de estudos decisivos sobre a língua...

em Outubro de 1903. Em Lisboa, estudou no Liceu Pedro Nunes. A partir de 1914 e até 1919 ocupou-se da sua licenciatura em Filologia Românica. Entre 1920 e 1921 foi funcionário da Biblioteca Nacional, fazendo ainda o estágio docente. Leccionou depois no Liceu Camões, tornando-se professor efectivo, em 1923, no Liceu Martins Sarmiento, Guimarães. Torna-se professor assistente da Faculdade de Letras de Lisboa em 1928, por indicação de Leite de Vasconcelos. Empenhou-se na tarefa de uma normalização

linguística do Português da Galiza, que seguisse o padrão do Português de Portugal, como seria o natural, pois a língua é a mesma a sul e a norte do Minho. A partir de 1957 exilou-se no Brasil, tendo leccionado nas universidades de Belo Horizonte e Rio de Janeiro. A sublimação do seu apego à Galiza ocorre após o regresso do Brasil, em 1962. Foi sócio de honra da Associação Galega da Língua, fundada na Galiza. Rodrigues Lapa dirigiu na década de 30 o jornal “O Diabo” e, após 1974, a revista “Seara Nova”.

Ou há, ou não há...

Ao ver Portugal mergulhado na ditadura do Estado Novo, Manuel Rodrigues Lapa escrevera: “A liberdade nunca é excessiva - ou existe ou não existe. Não pode ser graduada como certas águas minerais (...).” O grande filólogo português pagou caro o facto de ter sido um combatente pela liberdade: o decreto de 13 de Maio de 1935, que levou ao seu afastamento do ensino universitário, foi dos actos mais injustos cometidos contra um dos maiores especialistas da Língua Portuguesa. O Brasil, onde se exilara, ficou a ganhar com a presença do mestre. Lapa desfez um equívoco que induzia em erro os brasileiros em torno da figura de Bárbara Eliodora, mulher de Inácio José Alvarenga,

um dos conjurados de Minas Gerais, em 1789, a primeira revolta para a Independência do Brasil. Rodrigues Lapa demonstrou que os textos poéticos atribuídos a Bárbara Eliodora eram do marido, Inácio José de Alvarenga, carioca de nascimento, mascriado em Braga Braga. No Brasil, Lapa realizou investigações sobre o Setecentos Político e Cultural de Minas Gerais. Desse notável esforço resultou a atribuição da Medalha da Inconfidência Mineira, cujo patrono é Tiradentes, o herói da Independência do Brasil. Recebeu essa condecoração a 21 de Abril de 1974, na cidade de Ouro Preto. No pós 25 de Abril de 1974, sucederam-se as homenagens (e os desagravos) a Lapa.



► Depois do 25 de Abril de 1974, sucederam-se as homenagens a Lapa. Na foto, o mestre distinguido em 1983 por Mário Soares

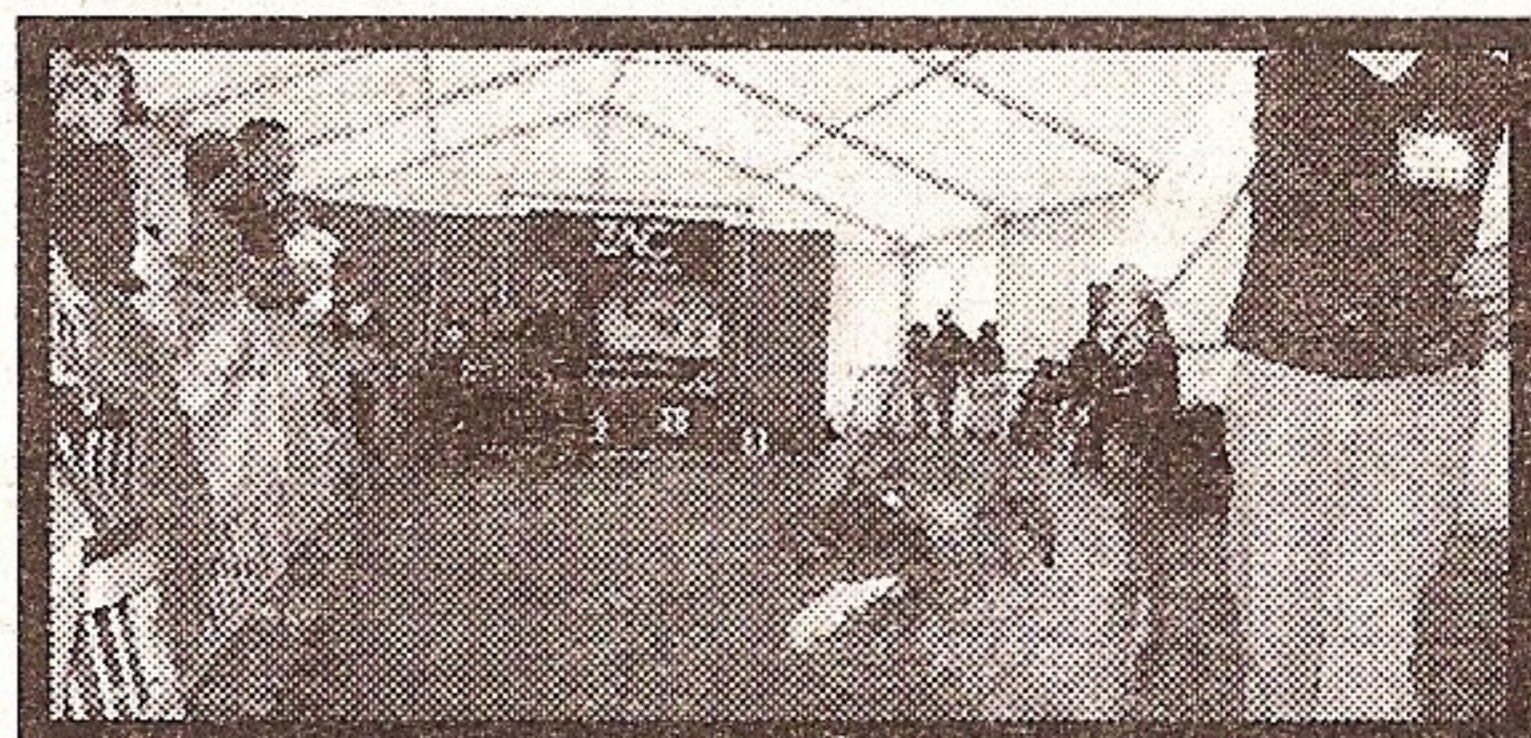
EDITORIAL

O milénio

dos predadores...

O capitalismo é o sistema económico que consiste em dar menos em troca de mais. Este tipo de apropriação, seja ela em pequenas ou grandes maquiãs, ocorre a coberto de um sistema de leis aparentemente justas, mais ou menos baseadas no princípio de que quem dá e recebe actua sempre na convicção de que a troca é feita em seu favor. Vejamos o negócio da “venda” de dinheiro: pede-se por empréstimo uma “vaca”, e pagam-se quinze, quando três pagariam o empréstimo! Roubar a ferro e fogo é crime, mas, pelos vistos, fazê-lo industrialmente já não o é. O que está a acontecer no mundo de hoje é um autêntico assalto aos bolsos de bilhões de consumidores do planeta para que alguns tenham de volta muitas “vacas”. Criou-se a ideia de que é uma oportunidade ao alcance de todos, mas não é. Nessa azáfama interesseira, que se adivinha infernal, só vão sobressair os “tubarões”. Um tubarão chega para mil peixes, mas mil peixes não chegam para um tubarão: o problema vai estar, portanto, no lucro exacerbado, ou seja no receber mais, e mais, e muito mais ainda, sem que se diga “mais, não!”. Nesta edição destacamos as afirmações de um membro do Governo galego sobre a globalização: as suas preocupações e advertências são pertinentes e definem o tema tal qual ele é na realidade. Ou seja, a riqueza a partir de lucros obtidos até à exaustão vão ser mal repartidos por milhões de vítimas que ficarão caídas na via por onde vai passar o “comboio de alta velocidade do capitalismo”. E vai ser mal repartida, dizemos nós, porque a maioria dos Governos se põe hoje de cócoras perante os “tubarões” e as suas leis “Outro mundo é possível, tem mesmo de ser possível, a não ser que proclamemos o fim da história e a morte da utopia”, diz o representante do Governo galego (pag.11). É consabido que o mundo passará a ser dominado por uma minoria de poderosos em prejuízo da “imensa maioria da humanidade”. Não é justo, e por não ser justo é que se admite que este estado de coisas ainda culmine numa guerra mundial. O novo presidente da Bolívia desejava que este novo milénio fosse o milénio da vida, o milénio para salvar vidas da fome: pelos vistos vai ser o milénio dos predadores. PL

Actual



► A Praça de Santo António, Vila Verde, volta a acolher mais uma exposição canina especializada. É já no próximo dia 17 de Novembro que acontece a 2ª Exposição Canina Especializada de Raças Portuguesas-CAC de Vila Verde, organizada pela Associação de Canicultores e Cinófilos do Norte (ACC-Norte), que tem sede em Vila Verde.

LUSOFONIA

Academia Galega Lusófona chama as atenções do Brasil

Santiago de Compostela acolheu arranque do processo de criação

O projecto de criação da Academia Galega da Língua Portuguesa já está em marcha na Galiza. A iniciativa, que envolve académicos galegos, ficou assinalada, recentemente, em Santiago de Compostela, pelo primeiro acto público da comissão promotora do futuro organismo. A cerimónia, realizada na Faculdade de Filologia da universidade compostelana, contou com a presença de membros das academias de Lisboa e do Brasil. O professor brasileiro Evanildo Bechara considerou mesmo necessário que a Academia de Letras do Brasil preste uma maior atenção à Galiza, segundo informa a seguir o PGL/ Ourense (texto em Português da Galiza): “O evento foi apresentado pelo catedrático de língua portuguesa da Universidade de Santiago e presidente da Comissão Linguística da AGAL, José Luís Rodrigues, que numas breves palavras soube desenhar a essência do acto. O professor da Universidade de Vigo e portavoz da Comissão Promotora da Academia Galega da Língua Portuguesa, Martinho Montero Santalha, fez um feroso e breve pormenor biográfico do professor Evanildo Bechara, da Academia Brasileira de Letras, em que ocupa actualmente a função de tesoureiro,



Os catedráticos Evanildo Bechara, da Academia Brasileira de Letras, e Maluca Casteleiro, da Academia de Ciências de Lisboa, reafirmaram o apoio à criação de uma Academia Galega da Língua Portuguesa

e repassou a sua importante obra com um especial destaque para a sua Moderna Gramática Portuguesa, que já regista a 37ª edição, revista e ampliada. O professor Bechara tratou na sua intervenção de dois interessantíssimos assuntos: a história da Academia Brasileira das Letras, fundada no ano 1886 no Rio de Janeiro, e que teve de primeiro presidente Machado de Assis até ao seu falecimento em 1908. Falou também do conteúdo dos estatutos, citando o artigo 1º, referido ao “cultivo da língua e literatura nacional”, onde o singular de nacional faz referência à literatura brasileira, pois a língua, para a ABL, é uma só. Falou-nos também do papel de António Moraes Silva, o seu dicionário e a relação com

a ABL; dos objectivos actuais da ABL e da disponibilização de recursos; sua composição, os trabalhos que nela se fazem, e da incorporação da componente linguística e filológica em anos recentes. Passou logo o académico brasileiro a falar dos problemas do Acordo Ortográfico, e fez um repasso das distintas tentativas de chegar a um consenso entre o Brasil e Portugal. Expôs uma opinião sobre a parte mais problemática do acordo de 1990: a pretensão de fazer um modelo de acentuação com base na fonologia, sob o princípio de que a escrita corresponda à fala; sugeriu como solução ideal a redução dos acentos muito significativamente, mas não como proposta a realizar de imediato. Disse o professor que

o português tem em toda a parte uma mesma morfossintaxe, e mais dum noventa por cento de coincidência. Infelizmente, com menos de dez por cento de discrepância fonológica, fazemos grandes problemas. Ele proporia, como ideal, começar de novo a discutir o acordo ortográfico partindo de bases novas, pois só pode haver unidade da escrita se esta for repensada sob outros critérios. Por último, salientou a importância de conceber a Lusofonia como uma unidade na diversidade. Anunciou que vai propor à Academia Brasileira de Letras um alargamento a toda a lusofonia, e defendeu a necessidade de essa instituição prestar uma maior atenção à Galiza.

OBJECTIVOS

Integrar a Galiza na Lusofonia

► A futura Academia Galega da Língua Portuguesa será formalizada no próximo ano. Espera-se que, a partir desse momento, possa já participar, em representação da Galiza, nos acordos sobre a Língua Portuguesa com os países lusófonos. No encerramento do 6º Congresso da Lusofonia, que decorreu em Outubro na cidade de Bragança, ficou, mais uma vez, em evidência a vontade da Galiza em fazer parte da Lusofonia. Um dos promotores do congresso, Ângelo Cristóvão, secretário da Associação Amizade Portugal – Galiza, reafirmou essa vontade, salientando a importância da futura Academia Galega da Língua Portuguesa no processo de reintegração da Língua Galega no sistema linguístico luso – brasileiro – africano. A Galiza já participou como convidada na discussão dos acordos ortográficos em 1986 e 1990, mas pretende agora dar continuidade a esse trabalho. A nova academia será constituída por 35 académicos, entre os quais pretende ver também alguns portugueses. O académico português Maluca Casteleiro defendeu que a língua portuguesa pode ser a solução para o diferendo com quase dois séculos entre os dois países pela disputa do território de Olivença.

“Temos de ser políglotas dentro da própria língua”

O primeiro acto público da Comissão Promotora da Academia Galega da Língua Portuguesa contou também com a presença do académico português Maluca Casteleiro, segundo informa a seguir o PGL/Ourense (texto em Português da Galiza): “(...) O professor Maluca assinalou conceitos indicados por Bechara, afirmando que: “temos que ser políglotas dentro da própria língua”, e saberemos inserir a diversidade na uni-

dade. Logo as palavras do professor mergulharam-nos em dois projectos lexicográficos nada contrários entre si, mas complementares: o dicionário da Academia de Ciências de Lisboa, com 70.000 unidades lexicais, em que se recolhe a língua portuguesa dos séculos XIX e XX e no qual se incorporam brasileirismos, africanismos e asiatisms. Por outro lado, o dicionário Houaiss, com 218.000 unidades lexicais, onde se

recolhe o português dos séculos XVI a XX. Foi Casteleiro que dirigiu a equipa que preparou a edição portuguesa deste dicionário, editada pelo Círculo de Leitores e da que já foram vendidos 60 mil exemplares. Em 16 meses revisaram o dicionário na sua totalidade e até corrigiram alguns erros que nele havia, mudanças que serão incorporadas na próxima edição brasileira. Casteleiro delineou a seguir uma história da Academia de Ciências

de Lisboa e dos seus dicionários ou tentativas de dicionários, e as peripécias da sua génese. (...) Lembrou que os dicionários Houaiss e o da Academia partem de filosofias distintas, embora sejam duas excelentes obras nada contraditórias entre si. Anunciou que no futuro vai haver nova edição do dicionário e que os galeguismos poderiam também ser incorporados. Também está em perspectiva a edição de um dicionário abrangendo

dos séculos XVI a XVIII. O académico da ACL tratou a seguir o assunto do acordo ortográfico e os problemas que enfrenta, ao ser a ortografia “um campo da soberania política” no mundo lusófono. Manifestou-se bastante pessimista sobre a possibilidade de o acordo vigorar em Portugal no curto prazo, e até deu a entender os problemas que isto poderia provocar.